

VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: PRÁTICA ENTRE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO

ZASSO, Izabele¹
SANTOS, Gislaine Machado dos²
SILVA, Jaqueline Eloisa³

RESUMO

O presente artigo aborda o tema “violência no contexto escolar: prática entre adolescentes do sexo feminino”. O objetivo geral deste trabalho foi analisar como se apresenta a violência no contexto escolar entre adolescentes do sexo feminino em um colégio público do sudoeste do Paraná. Portanto, os objetivos específicos que o nortearam foi compreender a motivação da rivalidade feminina dentro deste contexto, entender como a dinâmica familiar e escolar interfere na violência do contexto escolar, analisar as relações de poder presente no Colégio em questão. Neste sentido, a pesquisa foi caracterizada como qualitativa. No que tange aos instrumentos utilizados para a coleta de dados, o uso de uma entrevista semiestruturada se fez pertinente. Para a realização da pesquisa foram selecionadas 6 adolescentes do sexo feminino com idade entre 12 e 16 anos. Os principais resultados apontaram para o fato de que a teoria apresentada está de acordo com as respostas encontradas através das entrevistas, sendo possível identificar os fatores contribuintes para a prática da violência escolar, entre eles o ciúmes e a inveja. As principais formas de violências encontradas, caracterizada por xingamentos, esbarrões, bullying. E que estar vivendo em um ambiente conflituoso, sem afeto e falta de interesse dos pais e com a falta de escuta no contexto escolar deixa as adolescentes mais vulneráveis e sujeitas a praticar atos de violência.

PALAVRAS-CHAVE: Violência, adolescência, escola e sexo feminino.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o tema da violência escolar, sendo que a escolha desta temática deu-se após conhecer algumas escolas no sudoeste do Paraná, onde foi possível identificar o crescente aumento da violência no contexto escolar entre os alunos, principalmente do sexo feminino. Assim sendo, despertou-se a curiosidade em investigar de fato os motivos que estão por trás da violência escolar, seja aquela em que o jovem é vítima ou aquela que é protagonizada por ele. O artigo traz um tema que é muito presente atualmente, vem provocando crescente perplexidade e sendo objeto de grande preocupação no meio escolar (VELHO, 2000).

¹ Professora orientadora Mestre em Psicologia, Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: izabelezasso19@gmail.com

² Aluna do curso de graduação em Psicologia, Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: gislaine-machado@outlook.com.br

³ Aluna do curso de graduação em Psicologia, Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: isaqdas24@gmail.com

Um relacionamento harmonioso entre os alunos dentro do ambiente escolar parece mais difícil de acontecer, pois existem muitos fatores negativos associados, entre eles, é possível citar as competições, desigualdades sociais, preconceitos, conflitos gerados pelas diversidades etc.

Neste artigo pretende-se entender como a dinâmica familiar e escolar interfere na violência do contexto escolar, compreender a motivação da rivalidade feminina dentro deste contexto e, por fim, analisar as relações de poder presente no colégio em questão. Aprofundar-se nesses objetivos proporcionou a identificação dos fatores responsáveis por tal comportamento, para que assim possam surgir medidas mais eficazes para reduzir ou acabar de vez com a violência no contexto escolar.

Para melhor entendimento, apresentar-se-á resumidamente a trajetória do desenvolvimento da mulher na sociedade e sua busca por direitos até a atualidade. A história registra a discriminação da mulher, em que, até pouco tempo atrás, a mesma ocupava um papel destinado apenas à procriação, ao lar e para agradar o marido, era subordinada ao poder de opressão do sexo masculino (COULANGES, 1996).

A adolescência é outro fator essencial para compreender alguns comportamentos que podem interferir para que a agressão aconteça de fato, apropriando-se da teoria é possível compreender que a adolescência pode ser a responsável por muitos acontecimentos referentes à agressividade que serão relatados ao decorrer do projeto. A adolescência é marcada pelo desenvolvimento de diversas transformações físicas, cognitivas e psicossociais (PAPALIA & FELDMAN, 2013). É nesse período de transformações que ocorre a construção da identidade pessoal, é uma das tarefas mais difíceis e importante para a adolescência (ERIKSON, 1972 *apud* PAPALIA & FELDMANN, 2013).

Agressividade pode estar relacionada aos conflitos interpessoais no ambiente em que está inserido (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1997). Quando o adolescente cresce em uma família violenta causa para o mesmo sofrimento. Esse sofrimento pode ser ainda maior se for dos pais, os quais se espera carinho, afeto e proteção. Essa violência na família onde o adolescente está inserido pode contribuir para atos violentos na escola, onde passa maior parte do seu dia. Tornando-se imprescindível a participação da família, da escola e sociedade, para que assim possa contribuir melhor para a formação dos valores do adolescente (ASSIS, 2005).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde a origem das civilizações, a mulher ocupou um papel de subordinação ao poder de opressão do sexo masculino. Segundo Coulanges (1996), no século passado tanto os filhos quanto as mulheres eram submetidos ao regime patriarcal, ambos não tinham direitos e, muito menos, vontades próprias. No âmbito das relações de trabalho, fundamentava-se a ideia de que o homem/genitor do lar é quem deveria prover o mantimento para sua família.

Ainda, segundo Coulanges (1996), a filha era predestinada a seguir os passos da mãe. Se isso não fosse possível, ela poderia seguir apenas a vida religiosa ou o celibato. Depois de se casar, a mesma não podia estudar e nem trabalhar, precisava ser totalmente submissa ao marido, assim como sua mãe havia sido a vida toda. As mulheres eram as grandes responsáveis pelo trabalho doméstico e pelo cuidado com os filhos. Este pensamento perdurou por várias gerações.

Após muitos séculos de inferioridade, a participação das mulheres em diferentes âmbitos da vida social aumenta, e esta passa a assumir papéis importantes (COULANGES, 1996). Com a chegada dos séculos XX e XXI foram deixando, aos poucos, seu papel coadjuvante para assumir um novo lugar perante a sociedade, adquiriu mais responsabilidades, liberdade e possibilidades.

Após vários anos dessa opressão, surge, finalmente, o anseio pela liberdade. Sendo assim, as mulheres começam a questionar toda esta autoridade exercida pelos pais e maridos, dando início a sua luta por direitos, aos quais lhes garantisse igualdade frente aos homens. Durante as manifestações por liberdade de direitos foram promovidos grandes movimentos de libertação e, como consequência, ocasionou uma revolução cultural, tal revolução modificou a estrutura familiar existente na época (COULANGES, 1996).

Nos dias atuais, em pleno século XXI, as mulheres não se restringem ao lar, muito pelo contrário, estão comandando empresas, cidades, escolas, estão inseridas nas mais diversas profissões e áreas de atuações (RIBEIRO, 2016).

Nesse foco, esse estudo também engloba a adolescência e como visto anteriormente, nos séculos passados não se ouvia falar sobre a adolescência, pois de criança já passavam para a fase adulta (PHILIPPE, 1986). Portanto, é necessário conhecer os aspectos que envolvem esta etapa do desenvolvimento humano, etapa essa que é marcada por conflitos internos e mudanças físicas. Conhecendo e apropriando-se da teoria é possível compreender que a adolescência pode ser a responsável por muitos acontecimentos referentes à agressividade que serão relatados ao decorrer do projeto.

Segundo Palácios e Oliveira (2004), afirmam que a adolescência como é conhecida hoje pela sociedade, passou a ser estudada apenas no final do século XX, quando iniciou diferentes perspectivas a fim de contextualizar essa transição da infância para a fase adulta.

Adolescência é uma etapa intermediária do desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta. Este período do desenvolvimento é marcado por diversas transformações físicas, cognitivas e psicossociais (PAPALIA & FELDMAN, 2013).

Apesar da cultura impor uma idade do início da adolescência e seu término, existem vários fatores que se implicam a respeito dessa fase a respeito da onde se inicia e onde termina.

A maioria de nós utiliza a palavra adolescência como se o termo se aplica se a um conjunto bastante preciso de anos, tal como os anos que vão dos 12 aos 20, ou o período que se inicia no começo da escola de segundo grau. Na realidade, a faixa etária relevante é imprecisa quanto aos seus limites. Se desejarmos incluir os processos, então, pensar nessa faixa etária como seu início antes dos 12 anos, em especial no caso das meninas, algumas das quais começam a puberdade aos 8 ou 9 anos. E, na outra extremidade, não está claro que seja ainda adequado referir-se a um jovem de 18 anos que tenha um trabalho e uma esposa e filho como adolescente (BEE, 1997, p. 318).

A construção da identidade pessoal é a tarefa mais difícil e importante para a adolescência. Segundo Erikson (1972 *apud* PAPALIA & FELDMANN, 2013), a construção da identidade pessoal, consiste em estabelecer quem a pessoa é, quais são os seus valores e quais direções pretende seguir durante a vida. O autor ressalta que identidade é considerada uma concepção de si mesmo enquanto indivíduo composto por crenças, valores e metas que se sente comprometido a cumprir.

Para que ocorra o desenvolvimento da identidade adolescente, os mesmos buscam pertencer a um grupo, e para isso procuram outros adolescentes com características e comportamentos parecidos com os seus, com o intuito de se sentir amparado, aceito e pertencente ao grupo tentando evitar a solidão e a exclusão, tal comportamento pode influenciar o adolescente a cometer certas atitudes indesejadas pelos pais, tais como: mentiras, desobediência, uso de palavrões, desinteresse pelos estudos. Como cita o autor a seguir:

Mesmo quando os adolescentes se voltam aos amigos em busca de modelos de comportamento, companhia e intimidade, eles – de forma muito parecida com as crianças que estão aprendendo a andar e que começam a explorar um mundo mais amplo – veem nos pais uma “base segura” a partir da qual podem experimentar sua liberdade. Os adolescentes mais seguros têm relações fortes e sustentáveis com pais que permanecem em sintonia com a maneira pela qual os jovens veem a si mesmos, que permitem e encorajam seus esforços para adquirir independência e constituem um porto seguro nos momentos de tensão

emocional (ALLEN et al, 2003; LAURSEN, 1996 apud PAPALIA & FELDMANN, 2013, p. 430).

Os tipos de socialização que o adolescente encontra no ambiente em que convive, também é um fator sobre o seu comportamento diante a situações conflituosas (PIKO, 2001). Crescer sem o cuidado e proteção da família são fatores que podem contribuir para que o adolescente infrinja as regras em seu contexto social (ASSIS, 2005).

Durante o desenvolvimento da fundamentação foram citados alguns fatores familiares que podem interferir e contribuir para o uso de violência no cotidiano do adolescente durante o período em que passa na escola. É imprescindível citar a família, pois a mesma deveria ser a responsável por constituir o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegurar a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas (PAPALIA & FELDMANN, 2013).

“Os relacionamentos com os pais durante a adolescência – o grau de conflito e abertura de comunicação – são baseados largamente na intimidade emocional desenvolvida na infância” (PAPALIA & FELDMANN, 2013, p. 432), ou seja, a forma de relacionamento entre pais e filhos apresentados durante a fase da adolescência tem início na infância e está ligada diretamente com a maneira como ela se apresenta atualmente (PAPALIA & FELDMAN, 2013).

O desenvolvimento de uma adolescência saudável começa na infância. Os pais de adolescentes devem tentar manter um equilíbrio entre a liberdade excessiva e a intromissão excessiva (GOLDSTEIN, DAVIS-KEAN e ECCLES, 2005, *apud* PAPALIA & FELDMANN, 2013). Manter o equilíbrio entre os dois proporcionará um ambiente saudável, assim como a segurança necessária que o adolescente procura.

É claro que não há um lar e uma família perfeita e ideal, todas as pessoas têm problemas e todas as crianças e adolescentes, em algum momento de seu desenvolvimento, revelam algum sintoma, alguma pista de que algo não vai perfeitamente bem (WINNICOTT, 1982).

O contexto escolar é um dos primeiros contatos públicos que a criança tem. Este espaço também contribui para a formação de sua identidade, portanto, a violência escolar pode interferir no processo de formação do sujeito que nela se insere (GUIMARÃES, 1996). Um dos efeitos da violência escolar, em alunos que sofrem algum tipo de agressão por parte de seus colegas, é a de um comportamento reprimido e de um entendimento de que o ambiente escolar é aversivo (GASPARIN; LOPES, 2003).

Segundo Lopes Neto (2005) e Sales (2004), grande parte da violência escolar se manifesta quando não há espaço para a escuta ou quando não há meios para canalizar a agressividade sentida, resultando, assim, em conflitos mal resolvidos.

Segundo Diaz-Aguado (2005, *apud* SILVA; VILELA, 2012) aponta algumas características em comum que podem ser encontradas em alunos que praticam a violência:

[...] dentre as características psicológicas ela aponta: impulsividade, baixa tolerância à frustração, dificuldade para cumprir normas, tendência em abusar da força física, baixa capacidade de autocritica. Já dentre os fatores familiares, a autora ressalta: situação social negativa; ausência de relação afetiva afetuosa ou segura por parte dos pais; indisposição por parte da mãe, para atender o filho; permissividade dos pais diante de condutas antissociais do filho; ausência de limites; emprego frequente de métodos autoritários e coercitivos, incluindo, em muitos casos, castigos físicos (DIAZ-AGUADO, 2005; *apud* SILVA; VILELA, 2012, p. 08).

Estudos científicos mostram que adolescentes que sofrem com algum tipo de violência em seu contexto familiar tendem a ter mais chances de apresentar problemas de comportamento na escola. Segundo Deslandes (2005, p. 17) adolescentes que sofrem com algum tipo de violência em seu ambiente familiar afirma que “alguns ficam agressivos, outros, ao contrário já não conseguem reagir a nenhuma agressão que alguém venha cometer contra eles”.

A violência nas escolas não é considerada como um acontecimento novo, pois há relatos históricos de que ela sempre existiu, porém a forma como ela vem se manifestando mudou, como relata Charlot (2002).

Primeiramente surgiram formas de violência muito mais graves que outrora: homicídios, estupros, agressões com armas. É certo que são fatos que continuam muito raros, mas dão a impressão de que não há mais limite algum, que daqui por diante, tudo pode acontecer na escola- o que contribui para produzir o que se poderia chamar de uma angústia social face à violência na escola. Além disso, os ataques a professores e os insultos que lhe são dirigidos já não são raros: aí também, um limite parece ter sido transposto, o que faz crescer a angústia social (CHARLOT, 2002, p. 432).

Charlot (2002) possui conceitos importantes para a compreensão do tema em discussão, caracterizando a violência escolar em três diferentes níveis: violência na escola, violência contra a escola e violência da escola.

Violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e as atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. Violência da escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada

com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas) (CHARLOT, 2002, p. 434).

Saber quais situações estão inclusas na terminologia da violência escolar é essencial para traçar estratégias de enfrentamentos e preparar estratégias de prevenção (CHARLOT, 2002).

O psicólogo escolar quando está inserido nesse contexto, se torna o profissional mais apto para realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência escolar. Ele pode atuar como um agente de mudanças, capaz de desenvolver reflexões a respeito do tema da violência. Mas para que isso ocorra, esse profissional deve ocupar um lugar de escuta, possibilitando para o adolescente um lugar de acolhimento (MARTINS, 2003).

Procurando melhorar o relacionamento de pais, alunos e escola, o psicólogo escolar busca desenvolver atividades onde envolva todo esse contexto e que todos que fazem parte do cotidiano dos alunos participem, pois todos estão ligados no dia-a-dia dos alunos. Uma das grandes dificuldades que o psicólogo escolar encontra é a falta de comunicação entre a família e a escola (VIANA & FRANCISCHINI, 2016).

A intervenção psicossocial que um psicólogo escolar desenvolve quando ocorre algum tipo de violência no ambiente escolar, faz com se faça uma maior investigação trabalhando com as partes envolvidas tanto com os alunos, profissionais que compõem o ambiente escolar, e a família. Comportamentos agressivos podem ter sido gerados no ambiente social e familiar que o alunos estão inseridos. Trabalhando dessa maneira o profissional de psicologia desenvolve um melhor relacionamento entre pais e filhos, fazendo com que os pais saibam o que está acontecendo na vida dos filhos, e um melhor relacionamento entre pais e escola. (VIANA & FRANCISCHINI, 2016).

3. METODOLOGIA

Participaram da pesquisa 6 adolescentes do sexo feminino, com faixa etária entre 12 e 16 anos, que se encaixam nos seguintes critérios: 1) ter praticado algum ato de violência nas dependências do Colégio; 2) ser do sexo feminino; 3) estar estudando no Colégio da coleta de pesquisa; 4) ter a faixa etária entre 12 e 16 anos; 5) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos pais ou responsáveis; 6) Termo de Assentimento assinado pela adolescente; 7) disponibilizar tempo para a realização da pesquisa. Foram selecionadas por acessibilidade ou

conveniência (não probabilística) a partir do contato com o Colégio público localizado no sudoeste do Paraná.

O instrumento de coleta de dados escolhido e adotado consiste em uma entrevista semiestruturada, a análise abordada nessa pesquisa é a análise de conteúdo, portanto será analisado o conteúdo de cada entrevista em particular. A análise de dados consiste em qualificar as vivências do sujeito (BARDIN, 1977). Sobre a análise de conteúdo, Guerra (2014) afirma que “é uma técnica de tratamento de dados coletados, que visa à interpretação de material de caráter qualitativo, assegurando uma descrição objetiva, sistemática e com a riqueza manifesta no momento da coleta do mesmo” (GUERRA, 2014, p. 38).

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões acerca da violência escolar serão apresentado em três perspectivas. A primeira é compreender a relação de poder presente na escola, seguida pelos principais motivadores da rivalidade que as adolescentes apresentam no decorrer de seus discursos e, por último, fez-se necessário identificar a importância e a influência que o contexto escolar e familiar exerce sobre as adolescentes.

4.1 RELAÇÃO DE PODER

Adolescente A: “ *Quando eu estava estudando na K. No meu primeiro dia, eu entrei lá me pularam em três. Tipo, eu estava virada de costa conversando com um amigo meu daí uma menina chegou e começou a “loquiar” sabe? Falou que eu estava encarando ela. Daí ela me deu um chute e me chamou de filha da puta, e ela estava grávida. Daí eu dei um soco nela e chegou outra junto e pegou no meu cabelo eu virei e fui dando soco, daí a outra na covardia quando eu estava no chão meu deu um chute nas costas. Daí deu até caso de polícia e tudo. Daí elas foram com faca para tentar me esfaquear no colégio, daí deu muito rolo mesmo, deu no jornal como tentativa de homicídio. Elas faziam isso com todo mundo que era novo no colégio. Antes de eu brigar com elas, elas surraram uma menina em duas. Até que quando eu bati nesta T. as pessoas chegavam e falavam, nossa nunca ninguém bateu nela, mas ela batia em todo mundo”.*

Adolescente E: “*Tem acontecido muito do tipo ah slá você vê a pessoa e já não gosta, tipo assim por esbarrão, passou e já esbarrou na pessoa já é motivo pra brigar”.*

Adolescente F: *“É que tipo, quando a gente estuda em um colégio assim vem muita pelega, elas querem ser as poderosas, então eu brigo para por medo sabe? Não sou um monstro, mas gosto de comandar nas coisas, passar por um lugar e abrirem pra eu passar. Se eu passar e me encara já pergunto se perdeu alguma coisa haha”*.

Os trechos relatados acima foram retirados das entrevistas das adolescentes A, E, F. Observou-se que em todos os relatos há uma busca por “poder” e intimidação de outras adolescentes, percebemos que no contexto escolar assim como na sociedade prevalece a hierarquização (VALLE, 2008). Os indivíduos que reproduzem comportamentos agressivos, geralmente, presenciam essa prática ou está em um ambiente que influencia a violência. A agressão pode ser uma consequência de alguma situação em que a adolescente sofreu algum tipo de frustração (RAMIREZ, 2001 *apud* ANJOS, 2010).

Na adolescência, a construção da identidade envolve a busca do pertencer a um grupo, essa busca pode fazer com que o adolescente vá contra seus princípios e valores, essa necessidade de pertencer a um grupo pode gerar comportamentos de poder, demonstrado através da agressividade (ALLEN *et al*, 2003; LAURSEN, 1996 *apud* PAPALIA & FELDMANN, 2013, p. 430).

No relato da Adolescente F., verifica-se um dos efeitos que a violência escolar causa na formação do sujeito, que quando sofre alguma agressão por parte de seus colegas têm como assimilação que o ambiente escolar é um lugar aversivo e que, através da violência, consegue seu poder e autoridade (GASPARIN; LOPES 2003).

4.2 MOTIVAÇÃO DA RIVALIDADE FEMININA

A segunda perspectiva proposta foi compreender a motivação da rivalidade feminina dentro deste contexto, para isto utilizar-se-á trechos das entrevistas das adolescentes A, B, C, D e E.

Adolescente A: *“Se provocar acontece”. “Eu odeio que me encarem! Tipo acho que ninguém gosta de ficarem encarando. E se vim tirar satisfação eu não fico quieta”*.

Adolescente B: *“Encaradas, esbarrões assim, fofocas”. Por causa de menino, a menina veio pra cima de mim por causa do namorado dela, ele me mandou mensagem, e eu fiquei quieta, vamos dizer que eu apanhei quieta né, eu não tava errada, quem tava errada era a pessoa que me mandou mensagem, não fiz nada”*.

Adolescente D: *“A menina geralmente é por causa de macho. As meninas acabam brigando por um da em cima do namorado da outra”. “A menina não, ela não tem paciência, vai para o soco”.*

Adolescente E: *“As meninas dizem que é por que sou muito rodeada de pessoas, que nem ela tem um como é que é... não vou dizer que ela tem inveja...tipo ela é muito... como é que eu posso dizer... não invejosa, é tipo invejosa e daí ela quer, queria estar no meu lugar.*

De acordo com os discursos encontrados, entende-se que a rivalidade entre as adolescentes pode estar sendo desencadeada por sentimentos como ciúmes, inveja e insegurança nos relacionamentos amorosos, ambos os fatores aumentam a “competição” entre elas e demonstra a ocorrência de uma atividade rival de duas ou mais pessoas ou até mesmo em grupos, em que apenas uma das partes pode ganhar. A competição pode ser caracterizada por concorrência, luta, rivalidade, antagonismo, emulação (CUNHA, 1991).

Adolescente C: *“Colocar apelido bater sem a pessoa fazer nada. Tipo uma vez eu estava na sala e só porque eu peguei a cadeira de um “pia” pra mim sentar ele veio e me bateu. Quando eu estudava no C. é tipo, só porque eu tipo era a feiosa elas chegaram a me bater por causa disso.*

Tipo eu ia com uma roupa assim, e todo mundo falava que eu estava feia, mal arrumada. Falavam da roupa, cabelo, por eu ser morena, por eu ser uma pessoa diferente às vezes”. “Eu não podia fazer nada, aí eu contava para os meus professores, e os meus professores não fizeram nada também”

No trecho retirado acima, a Adolescente C relatou que sofria bullying no Colégio que estudava anteriormente e que contava para seus professores, porém, os mesmos, não faziam nada para ajudá-la. Para que os alunos consigam identificar e enfrentar situações que envolvam intimidação no colégio é apropriado que tenha apoio dos professores e demais funcionários (NASCIMENTO & MENEZES, 2013). Por outro lado, se tivesse o auxílio do professor, e o mesmo incentivasse o diálogo entre os envolvidos, poderia solucionar a situação ou promover meios para que os alunos desenvolvessem novas estratégias para solucionar os conflitos (LEME & CARVALHO, 2012).

4.3 DINÂMICA FAMILIAR E ESCOLAR

Analisando como a dinâmica familiar e escolar interfere na violência do contexto escolar é possível identificar uma diferença de comportamento das adolescentes quando os pais acompanham a rotina escolar, assim como também é possível identificar quando o oposto acontece.

Adolescente C: *“Tipo ela ficou sabendo porque eu contei (avó), a reação dela era ir na polícia fui eu quem não quis. E não foi, não fizeram nada, daí minha avó chegou a ir na escola, conversou com todo mundo lá, aí eles pararam um pouco”*.

Adolescente E: *“É que tipo eu sempre fui muito... eu sempre contei tudo pra minha mãe e pro meu pai né, tipo que eu faço...!” Ai eu chegava em casa e contava pros meus pais, e daí meu pai falou, por que eu sempre fui muito certinha nas minhas coisas assim, aí ele falava que era pra mim ir segurando até aonde eu agüentar, daí tipo eu chegava e sempre contava daí na terceira vez a minha mãe achou melhor vir”*

Pode-se constatar que as adolescentes C e E possuem confiança em seus pais e avó para contar sobre os conflitos e recebem apoio para resolvê-los. Algumas atitudes desenvolvidas pelos pais e responsáveis, como conversar com os filhos, orientá-los a desenvolver novas formas de enfrentamento do problema, recorrer à ajuda do colégio e aos professores com o objetivo de encontrar soluções, entrar em contato com os familiares do adolescente agressor ou com ele mesmo, são as atitudes mais utilizadas pelos pais para resolver os conflitos conforme a literatura (LADD, & KOCHENDERFER-LADD, 2002 *apud* BORSA., PETRUCCI., KOLLER., 2015). Podem ainda incentivar a não revidar a agressão com outra agressão, seja ela física ou verbal. (SAWYER, & COLS., 2011 *apud* BORSA., PETRUCCI., KOLLER., 2015). O envolvimento dos mesmos pode ser decisivo para a prevenção e enfrentamento da violência,

Adolescente A: *“A minha mãe é daquelas tipo se me dá um tapa ela pula sabe? Ela é muito protetora. Meu pai também”*..

Adolescente F: *“ Haha, eles não sabem (os pais), se eles descobrirem que eu brigo na escola, minha mãe me surra em casa. Minha mãe trabalha sabe? O dia todo, não tem tempo pra mim e para o meu irmão. Diz ela que é para nos dar uma vidinha melhor, mas quando está com nós só grita com a gente”*.

Quando ouvimos sobre violência a ideia que temos é da violência física, contudo a violência verbal e psicologia trazem grandes danos para o adolescente (DESLANDES, 2005). A ausência de valores e afetos pode estar relacionada com a falta frequente dos pais e responsáveis, esses acontecimentos podem ocorrer tanto pela necessidade de trabalho ou incapacidade e despreparo familiar como também pela inversão de valores, onde acreditam que o papel de educar e repassar

valores e normas deve ser exclusivo da escola e esquecem que precisa ser um relacionamento mútuo entre, escola, pais e sociedade.

4.4 POSICIONAMENTO DO COLÉGIO E DO GESTOR PERANTE A VIOLÊNCIA

As adolescentes F e A relatam mais trechos onde demonstram a participação do colégio através de conselhos e conversas, mas concordam que o mesmo não pode fazer tudo sozinho, precisa de mais participação dos pais e responsáveis.

Adolescente F: *“Sim, não apenas para a violência, mas o diretor e as pedagogas aconselham bastante a gente”...“Sei lá, mas participação dos pais? A escola não pode fazer tudo sozinha”.*

Adolescente A: *“O diretor, ele não gosta que briguem até ele conversa bastante. Ele chama pra conversar”.*

A adolescente D em especial nos relatou sua história de um relacionamento abusivo ao qual ela tinha e que sofria agressões físicas e psicológicas frequentes e que sempre seu companheiro a levava, buscava e ficava a vigiando no colégio, até que um dia ele invadiu a escola com mais dois amigos para agredir um estudante por ter pedido a tesoura emprestada para ela. A mesma relatou que só conseguiu sair deste relacionamento através da ajuda do diretor e da pedagoga.

Adolescente D: *“Tipo no começo eu não contava porque eu tinha medo, ai quando ele vinha aqui minha mãe não sabia que ele vinha, ai tipo ele não deixava eu conta, ai depois que aconteceu isso de surrar o cara ali, ai o diretor chamou ela”. “Ai o diretor mesmo ligou pra ela, dai quando o diretor contou pra ela, ela chegou e perguntou pra mim ai eu contei tudo”...“ Na verdade eu consegui termina com o meu ex por causa do colégio, porque o D, (diretor) até a pedagoga, chegou e falou um monte de coisa pra mim que ele não me merecia, que eu era uma mulher que se tinha que dar o respeito, falou um monte de coisa. Porque senão fosse ele ter chamado a minha mãe para conversar, eu não teria conseguido terminar com ele”. “O meu caso foi um coisa em especial e mesmo assim o colégio me ajudou”.*

O diretor ocupa um papel fundamental na escola, ocupa em primeiro lugar o papel de educador que zela pelo desenvolvimento social de cada aluno. Acompanha, desenvolve e coordena os processos de aprendizagem, busca o equilíbrio entre o contexto escolar e familiar, para que o aluno possa ter um melhor desenvolvimento psicossocial (PICANÇO, 2012). No decorrer dos relatos as adolescentes enfatizaram que o diretor lida bem com a questão da violência, tem uma

escuta ativa onde busca ouvir o aluno com toda atenção possível para que tenha confiança em relatar o que está acontecendo, tem serenidade diante dos conflitos, facilita o diálogo entre elas, faz mediações entre os alunos e, se necessário, entra em contato com os pais e responsáveis para conversar. Mencionaram que o diretor não gosta que briguem e que na hora do intervalo as pedagogas ficam cuidando para que não ocorra nenhum conflito. Essa abertura de diálogo oferecida pelo diretor é essencial para que os alunos tomem essa iniciativa de procurá-lo para resolver seus conflitos, pois sentem segurança e sabem que serão ouvidos, e terão suas queixas acolhidas.

Para Freud (1914) o aluno pode vir a imaginar na figura do professor simpatias e antipatias, ou seja, pode causar uma contradição de sentimentos: amor, ódio, respeito, críticas direcionadas aos professores, que sem saber assumem o que Freud denomina como sendo “uma herança sentimental”. Para muitos estudantes, os professores tornam-se substitutos de seus primeiros objetos e sentimentos, que inicialmente foram destinados aos pais e irmãos, todas as escolhas de amizades e amor que vem depois, seguem uma base dessas lembranças deixadas por esses protótipos. Por isso que as adolescentes entrevistadas podem se identificar com a figura do diretor ao ponto de criar este vínculo de confiança.

Dentre as funções do gestor escolar e dos professores dentro do ambiente escolar está a promoção de um ambiente agradável e favorável, e a melhor forma de conseguir isso é através do diálogo e do respeito, vindo principalmente dos cargos superiores da escola. O diálogo pode ser considerado como um meio de incentivo e interesse, pois, pode promover a aproximação dos professores com os alunos e também favorecendo momentos de descontração entre ambos (ABRAMOVAY; RUA 2002).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo, pode-se concluir que através das entrevistas semiestruturadas as respostas das adolescentes coincidem com a teoria apresentada. Concluímos que estar em um ambiente conflituoso, sem afeto, interesse e participação dos pais, pode, sim desencadear e contribuir para a demonstração de agressividade das adolescentes. É perceptível a influência que a família, escola e comunidade exercem sobre elas e sobre a sua construção de identidade. O estudo evidencia, ainda, a importância da união desses três pilares que é a família, escola e sociedade, para que tenha como consequência um resultado positivo, diminuindo esses índices sobre a violência entre adolescentes.

Através desta pesquisa, pode-se compreender melhor os fatores influenciadores e também a dinâmica das relações presentes na vida das adolescentes. Foi possível identificar também as formas de violência que mais ocorre neste colégio que são os xingamentos, esbarrões, bullying e agressões físicas de fato.

É esperado que a escola seja um local onde tenha democracia, respeito, inclusão, que proporcione a convivência com as diversidades e, muitas vezes, acaba por exercer funções diferentes e contraditórias. Dentro do espaço escolar é possível se deparar com a exclusão, preconceitos etc., esse espaço é onde os jovens passam a maior parte do seu dia, é o espaço onde se tem como a segunda casa, e quando essa segunda casa não o acolhe bem se frustra. Nos relatos das adolescentes, percebe-se que as pedagogas e o diretor concedem um espaço de escuta para os alunos, mas não são todos que conseguem procurar ajuda.

Cabe ressaltar, nesses momentos, o quão necessário, e importante é o trabalho da psicologia escolar, que pode atuar proporcionando projetos que visam um ambiente mais agradável de conviver, onde os alunos se sintam acolhidos e pertencidos, onde os mesmos tenham um local de escuta e que compreendam que não é apenas através da agressão que sua dor pode ser vista e ouvida.

Sugere-se que o colégio realize intervenções visando minimizar a violência entre os alunos, promovendo por tanto o diálogo, questionamentos, reflexões, enfatizando o respeito às diferenças, empatia pelo outro, promovendo uma parceria com a família e as adolescentes.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M; RUA, M, G. **Violência nas escolas**. Brasília: Unesco, 2002.

ASSIS, S. G. **Encarando os desafios da vida: uma conversa com adolescente**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq, 2005.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2015/12/pdf_ba8d5805e9_0000018457.pdf> Acesso: 30 de maio de 2018.

BEE, H. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BORSA, J.C.; PETRUCCI, G.W; KOLLER, S.H .**A participação dos pais nas pesquisas sobre bullying escolar** .Disponível em :<<http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n1/2175-3539-pee-19-01-00041.pdf>>Acesso: 17 de outubro de 2018.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão.** Sociologias, Porto Alegre, 2002.

COULANGES, A **Cidade Antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma.** São Paulo: Hemus, 1996.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

DESLANDES, S. F. **Livro das famílias: conversando sobre a vida e os filhos.** Rio de Janeiro: Ministério da Saúde/Sociedade Brasileira de Pediatria, 2005.

FREUD, Sigmund. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. **Sobre a psicologia escolar.** (1914 – v. 13).

GASPARIN, J. L. LOPES, C.S. **Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente.** ActaScientiarum: Human and Social Sciences. Maringá:UEM/PPG 2003.

GUERRA, A. L. E. **Manual de Pesquisa Qualitativa.** Belo Horizonte: Anima Educação, 2014.

GUIMARÃES, A. M. **Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola.** In: AQUINO, J. G. Indisciplina na escola. São Paulo: Summus, 1996.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. **Contribuições das ciências sociais para o comportamento humano.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v11n1/v11n1a11.pdf>> Acesso: 29 de maio de 2018.

LEME, M. I. D. S.; CARVALHO, A. M. **Opinião dos professores e resolução de conflitos por pré-adolescentes. Nuances: estudos sobre Educação.** Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432014000200008>. Acesso: 17 de outubro de 2018.

LOPES NETO, A. A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal de Pediatria, 2005.

MARTINS, J. B. **A atuação do psicólogo escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica.** Psicologia em estudo, 8 (2), 39-45, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/06.pdf>>. Acesso: 19 de novembro de 2018.

NASCIMENTO, A. M. T.; MENEZES, J. A. **Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar.** Psicologia & Sociedade. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n1/16.pdf>>. Acesso: 17 de outubro de 2018.

PALÁCIOS, J.; OLIVEIRA, A. **Adolescência e seu significado evolutivo.** In: COLL, C. Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PHILIPPE, A. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

PICANÇO, B. L. A. **A relação entre escola e família: as suas implicações no processo de ensino aprendizagem**. Lisboa, 2012.

PIKO, B. **Gender differences and similarities in adolescents' ways of coping**. Psychological Record, 2001.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a11.pdf>>. Acesso: 30 de maio de 2018.

RAMIREZ, F. **Condutas agressivas na idade escolar**. Amadora: Editora McGraw-Hill, 2001.

Disponível em:

<http://recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/1258/1/Tese_Sandra_Anjos_Final.pdf>. Acesso : 30 de maio de 2018.

RIBEIRO, P. S. **O papel da mulher na sociedade**. In: Brasil Escola. Disponível em:

<<https://brasilestola.uol.com.br/sociologia/o-papel-mulher-na-sociedade.htm>>Acesso: 29 de maio de 2018

SALES, L. M. M. **Justiça e mediação de conflitos**. Belo Horizonte: Del Rey.2004

SILVA C.S.; VILELA. E. M. **Fatores associados às agressões físicas entre alunos do ensino básico da Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Disponível

em:<<https://www.anpocs.com/index.php/papers-36-encontro/gt-2/gt08-2/7926-fatores-associados-as-agressoes-fisicas-entre-alunos-do-ensino-basico-da-regiao-metropolitana-de-belo-horizonte>>Acesso: 30 de maio de 2018.

VALLE, I. R. **O lugar dos saberes escolares na sociologia brasileira da educação**. In: Currículo sem Fronteiras, 2008. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2235-8.pdf>>. Acesso: 22 de novembro de 2018.

VELHO, G. **Violência, reciprocidade e desigualdade**. Rio de Janeiro: Editoras UFRJ/FGV, 2000.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/16.pdf>>. Acesso: 11 de outubro de 2018.

VIANA, M. N.; FRANCISCHINI, R. **Psicologia Escolar: que fazer é esse?** Brasília: CFP, 2016.

WINNICOTT, D. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1982.